

Português 2

TEXTO 1

A linguística se ocupa de muitos aspectos da linguagem e de seu uso; um aspecto do uso da linguagem de que a linguística não se ocupa é a distinção entre o “certo” e o “errado” na língua.

O ensino do português muitas vezes difunde a crença de que existe uma maneira “certa” de usar a língua, e que essa é a única maneira aceitável; todas as outras são “erradas”, devem ser evitadas. Isso é reforçado por colunas em jornais, gramáticas escolares, livros de “não erre mais” e a pressão social de todo momento. Essa atitude, com suas perniciosas conseqüências, tem sido objeto de crítica por parte de linguistas e professores, mas continua muito presente na escola e na vida.

Não há a menor base linguística para a distinção entre “certo” e “errado” – o linguista se interessa pela língua como ela é, e não como ela deveria ser. Imagine-se um historiador que descobre que determinado povo antigo praticava sacrifícios humanos. Ele, pessoalmente, pode desaprovar esse costume, mas nem por isso tem o direito de afirmar que os sacrifícios não ocorriam – um fato é um fato, e precisa ser respeitado. No entanto, quantas vezes não nos dizem que a palavra *chipanzé* “não existe” (porque o “certo” seria *chimpanzé*)? Dizer isso é desrespeitar o fato de que milhões de pessoas dizem *chipanzé*.

Um linguista parte sempre dos fatos, e a cada passo verifica suas teorias em confronto com eles: se muitos falantes dizem *chipanzé*, então ele precisa registrar esse fato, e levá-lo em conta em sua descrição e teorização. E se todo mundo diz *me dá ele aí*, essa é uma estrutura legítima da língua falada do Brasil, e precisa figurar na descrição.

A oposição entre “certo” e “errado” muitas vezes corresponde, no fundo, à oposição – essa, sim, legítima – entre língua falada e língua escrita. É fato (e, portanto, temos que respeitar) que a gente não escreve como fala. E se é um fato, deve figurar em algum ponto de uma gramática completa da língua. Mas se é errado escrever *me dá ele aí* em uma carta formal de pedido de emprego, é igualmente errado sentar na mesa do bar e dizer *dê-me esse copo*. Cada variedade da língua é apropriada em seu contexto próprio, e os falantes sabem isso muito bem, tanto é que empregam com toda a segurança a variedade adequada à situação do momento: ninguém fala como escreve, e ninguém escreve como fala.

Isso, já que é um fato, merece ser descrito e eventualmente ensinado. Mas note-se a diferença: não se trata de dizer que *me dá ele aí* é “errado”, mas que é uma forma coloquial, usada na fala. Diga-se, de passagem, que as formas faladas são usadas em uma variedade muito maior de situações, em ocasiões muito mais numerosas, por um número muito maior de falantes do que as formas escritas. Assim, elas são as representantes mais genuínas da língua do Brasil. [...]

Diz-se, às vezes, que os linguistas são permissivistas para quem “tudo vale, desde que haja comunicação.” Não é verdade. Por exemplo, praticamente ninguém questiona a conveniência de se ensinar o uso do português padrão escrito, desde que limitado aos

contextos em que ele é socialmente aceito. O português padrão é, queiramos ou não, a nossa língua erudita, e, no que pese seu caráter exclusivamente escrito, está aí para ficar. O que se defende é o respeito aos fatos: a língua falada também existe e constitui um objeto de estudo interessante e importante.

Um linguista, portanto, não deve fazer julgamentos de valor a respeito de seu objeto de estudo – para ele, qualquer variedade da língua tem interesse, desde que realmente exista e seja usada (ou tenha sido usada) por uma comunidade. Uma pessoa que não consegue se libertar da sensação de que certas formas da língua são “feias”, “erradas” ou de alguma maneira desagradáveis deveria procurar outra profissão que não a de linguista ou professor de línguas.

(PERINI, Mário A. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006, p.21-23. Adaptado.)

01. O propósito comunicativo que prevalece no Texto 1 é o de propor uma reflexão sobre:

- 0-0) as concepções linguísticas que ganharam prioridade em colunas de jornais, em gramáticas escolares e em livros didáticos.
- 1-1) as bases teóricas a partir das quais se pode analisar os usos linguísticos que ocorrem nos diferentes contextos da interação verbal.
- 2-2) a variação dos usos linguísticos no que concerne aos julgamentos de valor que podem ser feitos em relação a esses usos.
- 3-3) as relações existentes entre língua falada e língua escrita e os respectivos contextos sociais aos quais cada uma deve adequar-se.
- 4-4) as condições que definem o português padrão, ou seja, os usos eruditos da língua falada e da língua escrita por brasileiros.

Resposta: FVVVF

Justificativa

- 0-0) Incorreta. A prioridade concedida às concepções linguísticas, em colunas de jornais, em gramáticas escolares e em livros didáticos, não constitui o propósito comunicativo do texto em análise.
- 1-1) Correta. De fato, o texto se propõe a focalizar as bases a partir das quais se pode analisar os usos linguísticos que ocorrem socialmente.
- 2-2) Correta. O texto aponta as referências a partir das quais se pode fazer julgamentos de valor a respeito dos diferentes usos linguísticos.
- 3-3) Correta. As relações existentes entre língua falada e língua escrita e os respectivos contextos sociais em que cada uma é aceita correspondem a um propósito do texto.
- 4-4) Incorreta. Os usos eruditos da língua são referidos em relação à língua escrita e não em relação à língua falada.

02. Na verdade, o autor do Texto 1 defende a ideia de que:

- 0-0) as representações mais legítimas da língua falada do Brasil são aquelas em que predomina o padrão correto.
- 1-1) não cabe aos linguistas emitir juízos de valor sobre os usos da língua, definindo-os como aceitáveis ou não socialmente.
- 2-2) os usos orais e escritos da língua assumem formas distintas de realização, e esse aspecto deve ser considerado pelas gramáticas.
- 3-3) muitas das variações de uso da língua decorrem das diferentes condições contextuais em que acontecem os eventos comunicativos.
- 4-4) a língua falada não chega a constituir-se objeto de estudo, uma vez que seus usos não representam fatos pertinentes.

Resposta: FVVVF

Justificativa

- 0-0) Incorreta. O texto, pelo contrário, rejeita essa ideia de que a língua falada mais legítima é aquela em que predomina o padrão correto.
- 1-1) Correta. De fato, não é competência dos linguistas julgar o valor dos usos da língua ou defini-los como aceitáveis ou não socialmente.
- 2-2) Correta. O texto é claro em propor que os usos orais e escritos da língua são distintos e que esse ponto deve ser considerado pelas gramáticas.
- 3-3) Correta. Na verdade, as variações de uso da língua resultam das diferentes condições contextuais em que se realiza a atividade da linguagem.
- 4-4) Incorreta. Pelo contrário: a proposta do texto é que a língua falada seja objeto de estudo.

03. Nem todas as informações constantes em um texto têm a mesma relevância. Ou seja, algumas informações se sobressaem, pois colocam em evidência o núcleo temático do texto. No caso específico do Texto 1, são informações relevantes as seguintes:

- 0-0) “Um linguista parte sempre dos fatos, e a cada passo verifica suas teorias em confronto com eles”.
- 1-1) “o linguista se interessa pela língua como ela é, e não como ela deveria ser.”
- 2-2) “O português padrão é, queiramos ou não, a nossa língua erudita”.
- 3-3) “os linguistas são permissivistas para quem “tudo vale, desde que haja comunicação.”
- 4-4) “ninguém questiona a conveniência de se ensinar o uso do português escrito.”

Resposta: VVFFF

Justificativa

- 0-0) Correta. Essa informação define o modo de o linguista atuar frente às possibilidades de uso da língua.
- 1-1) Correta. Outra vez, se focaliza o que constitui o interesse científico do linguista.
- 2-2) Incorreta. O português padrão – e sua relação

com a língua erudita – é apenas uma referência feita no texto.

- 3-3) Incorreta. Esta informação é secundária; um comentário adicional apenas.
- 4-4) Incorreta. Novamente, se trata de uma informação adicional.

04. O entendimento da coerência de um texto decorre, em muito, das relações de sentido estabelecidas ao longo de seu percurso. No Texto 1, por exemplo, concorrem para a sua coerência:

- 0-0) a reiteração promovida pela repetição de palavras como: ‘língua’, ‘fala’, ‘escrita’, ‘uso’, entre outras.
- 1-1) a associação semântica entre expressões do tipo ‘linguista’, ‘professor de língua’ e ‘ensino’; ‘português padrão’ e ‘língua erudita’.
- 2-2) a oposição entre os conceitos de ‘certo’ e ‘errado’, de ‘língua falada’ e de ‘língua escrita’.
- 3-3) as retomadas pronominais, que promovem a continuidade das referências feitas, como em: “Cada variedade da língua é apropriada em seu contexto próprio, e os falantes sabem disso muito bem”.
- 4-4) as relações de hiperonímia responsáveis por nexos de equivalência semântica entre duas ou mais expressões, como em: “Diz-se, às vezes, que os linguistas são permissivistas para quem ‘tudo vale’, desde que haja comunicação”.

Resposta: VVVVF

Justificativa

- 0-0) Correta. A repetição de palavras constitui um recurso da reiteração requerida pela coerência do texto.
- 1-1) Correta. Igualmente, a associação semântica entre expressões do texto concorre para a unidade semântica, própria do texto coerente.
- 2-2) Correta. Mesmo as expressões com sentidos opostos podem constituir itens coesivos.
- 3-3) Correta. As retomadas pronominais são um recurso muito produtivo na sinalização dos nexos que promovem a continuidade referencial do texto.
- 4-4) Incorreta. Não há nesse trecho ocorrência de relações hiperonímicas entre termos.

05. A atividade de escrever um texto exige que seu autor proceda a uma série de escolhas. No caso do Texto 1, por exemplo, o autor optou por utilizar algumas estratégias para construir sua argumentação e explanar suas ideias de forma convincente. Foram estratégias selecionadas pelo autor do Texto 1:

- 0-0) a explicitação da opinião de linguistas internacionalmente reconhecidos, em discurso direto, como se vê no trecho: “Diz-se, às vezes, que os linguistas são permissivistas para quem “tudo vale, desde que haja comunicação.””.
- 1-1) a inserção de comentários avaliativos, como no

trecho: “A oposição entre “certo” e “errado” muitas vezes corresponde, no fundo, à oposição – essa, sim, legítima – entre língua falada e língua escrita.”.

- 2-2) a utilização de um vocabulário simples, de fácil compreensão para o leitor não especializado, o que redundou em um texto acessível a leitores pouco familiarizados com termos específicos da Linguística.
- 3-3) a preferência por uma estrutura sintaticamente simples, na qual se evidencia a prevalência de períodos curtos e de nexos coesivos explícitos.
- 4-4) a utilização da ironia, recurso pelo qual obriga o leitor a refletir sobre o que está sendo enunciado, como no trecho: “O português padrão é, queiramos ou não, a nossa língua erudita, e, no que pese seu caráter exclusivamente escrito, está aí para ficar.”.

Resposta: FVVVF

Justificativa

0-0) FALSA, pois o autor não traz, para o texto, a opinião de linguistas internacionalmente reconhecidos; e o trecho apresentado na proposição não representa a opinião de nenhum linguista em especial, mas dos linguistas como um todo.

1-1) VERDADEIRA, pois há, no texto, diversos comentários avaliativos inseridos, como exemplifica o trecho apresentado na proposição.

2-2) VERDADEIRA, pois, de fato, o autor se utiliza de um vocabulário simples, de fácil compreensão para o leitor não especializado, o que redundou em um texto bastante acessível.

3-3) VERDADEIRA, pois; realmente, o autor demonstra preferência por uma estrutura sintaticamente simples, na qual se evidencia a prevalência de períodos curtos e de nexos coesivos explícitos.

4-4) FALSA, pois o autor não utiliza a ironia em seu texto.

06. Todas as partes de um texto estão inter-relacionadas, mantendo entre si relações de várias naturezas. Analise as proposições a seguir, acerca de algumas relações sintático-semânticas que se evidenciam no Texto 1.

- 0-0) No período: “A *linguística se ocupa de muitos aspectos da linguagem e de seu uso; um aspecto do uso da linguagem de que a linguística não se ocupa é a distinção entre o “certo” e o “errado” na língua.*”, o segmento sublinhado funciona como uma ressalva em relação ao conteúdo informado na primeira oração.
- 1-1) No trecho: “*É fato (e, portanto, temos que respeitar) que a gente não escreve como fala.*”, o comentário inserido entre parênteses estabelece uma relação conclusiva com o

segmento anterior.

- 2-2) No trecho: “... e os falantes sabem isso muito bem, tanto é que empregam com toda a segurança a variedade adequada à situação do momento”, o segmento sublinhado mantém com o anterior uma relação condicional.
- 3-3) No enunciado: “*Por exemplo, praticamente ninguém questiona a conveniência de se ensinar o uso do português padrão escrito, desde que limitado aos contextos em que ele é socialmente aceito.*”, o segmento destacado instaura uma noção temporal.
- 4-4) Ao afirmar que: “*Um linguista, portanto, não deve fazer julgamentos de valor a respeito de seu objeto de estudo*”, o autor pretendeu sintetizar as ideias apresentadas no texto, daí por que o enunciado é conclusivo.

Resposta: VVFFV

Justificativa

0-0) VERDADEIRA, porque, de fato, o segmento sublinhado no período funciona como uma ressalva em relação ao conteúdo informado na primeira oração.

1-1) VERDADEIRA, porque, no trecho dado, o comentário inserido entre parênteses estabelece uma relação conclusiva com o segmento anterior.

2-2) FALSA; pois no trecho dado, o segmento sublinhado não mantém com o anterior uma relação condicional.

3-3) FALSA, pois o segmento destacado não instaura uma noção temporal.

4-4) VERDADEIRA, uma vez que, realmente, com o enunciado dado, o autor pretendeu sintetizar as ideias apresentadas no texto, daí por que o enunciado é conclusivo.

“Um linguista parte sempre dos fatos, e a cada passo verifica suas teorias em confronto com eles: se muitos falantes dizem ‘chimpanzé’, então ele precisa registrar esse fato, e levá-lo em conta em sua descrição e teorização. E se todo mundo diz ‘me dá ele aí’, essa é uma estrutura legítima da língua falada do Brasil [...]”

07. Dentre vários outros aspectos, podemos analisar, em um texto, o funcionamento de alguns termos selecionados pelo autor. Acerca da seleção lexical do trecho acima (4º §), analise o que se afirma a seguir.

- 0-0) Ao optar pela indefinição em “*um linguista*”, o autor sinaliza para o leitor que está fazendo referência a um certo linguista mencionado anteriormente no texto.
- 1-1) A opção de inserir o advérbio indicador de tempo no trecho “*Um linguista parte sempre dos fatos*” tem o efeito de deixar a afirmação mais contundente.
- 2-2) No trecho: “*e a cada passo verifica suas teorias*”

em confronto com eles”, este último pronome tem como referente a expressão “muitos falantes”, que vem em seguida.

- 3-3) Ao selecionar a expressão destacada no trecho: “E se todo mundo diz ‘me dá ele aí’...”, o autor pretendeu fazer uma generalização.
- 4-4) O autor faz uma caracterização do termo ‘língua’ quando escreve “língua falada do Brasil”.

Resposta: FVFVV

Justificativa

0-0) FALSA, porque, ao optar pela indefinição em “um linguista”, o autor sinaliza que está fazendo referência a um linguista não mencionado anteriormente.

1-1) VERDADEIRA, pois, ao inserir o advérbio de tempo no trecho “Um linguista parte sempre dos fatos”, o autor deixa a afirmação mais contundente.

2-2) FALSA, pois, o pronome “eles”, no trecho, tem como referente “fatos”, e não “muitos falantes”.

3-3) VERDADEIRA, uma vez que, ao selecionar a expressão destacada no trecho, o autor realmente pretendeu fazer uma generalização.

4-4) VERDADEIRA, pois o autor caracteriza o termo ‘língua’ quando escreve “língua falada do Brasil”.

08. A análise da situação comunicativa mostrada na tirinha nos permite afirmar que:

- 0-0) a interação foi bem sucedida, apesar de os interlocutores utilizarem códigos linguísticos diferentes.
- 1-1) a resposta do garoto, no segundo quadrinho, denuncia que ele não tem acesso ao sentido de alguns vocábulos especializados.
- 2-2) o problema na comunicação foi causado pela falta de coesão e coerência verificada na pergunta feita.
- 3-3) a tirinha exemplifica que a variedade linguística do garoto não é bem compreendida pelo ‘doutor’.
- 4-4) o humor da tirinha é gerado exatamente quando o leitor percebe a incompatibilidade entre a pergunta feita e a resposta dada.

Resposta: FVFFV

Justificativa

0-0) FALSA, pois a interação não foi bem sucedida, e os interlocutores utilizam o mesmo código.

1-1) VERDADEIRA, porque, de fato, a resposta do garoto, no segundo quadrinho, denuncia que ele não tem acesso ao sentido de alguns vocábulos especializados (“pedigree”).

2-2) FALSA, já que o problema na comunicação não foi causado pela falta de coesão e coerência verificada na pergunta feita.

3-3) FALSA, pois a tirinha não exemplifica que a variedade linguística do garoto não é bem compreendida pelo ‘doutor’, e, sim, o contrário.

4-4) VERDADEIRA, uma vez. o humor da tirinha é gerado exatamente quando o leitor percebe a incompatibilidade entre a pergunta feita pelo médico e a resposta dada pelo garoto.

TEXTO 2

TURMA DA MÔNICA/Maurício de Souza



TEXTO 3

O livro da solidão

Os senhores todos conhecem a pergunta famosa universalmente repetida: “Que livro escolheria para levar consigo, se tivesse de partir para uma ilha deserta...?”. Vêm os que acreditam em exemplos célebres e dizem naturalmente: “Uma história de Napoleão.” Mas uma ilha deserta nem sempre é um exílio... Pode ser um passatempo...

Os que nunca tiveram tempo para fazer leituras grandes, pensam em obras de muitos volumes. É certo que numa ilha deserta é preciso encher o tempo... E lembram-se das *Vidas* de Plutarco, dos *Ensaios* de Montaigne, ou, se são mais cientistas que filósofos, da obra completa de Pasteur. Se são uma boa mescla de vida e sonho, pensam em toda a produção de Goethe, de Dostoiévski, de Ibsen. Ou na Bíblia. Ou nas *Mil e uma noites*.

Pois eu creio que todos esses livros, embora

esplêndidos, acabariam fatigando; e, se Deus me concedesse a mercê de morar numa ilha deserta (deserta, mas com relativo conforto, está claro — poltronas, chá, luz elétrica, ar condicionado) o que levava comigo era um Dicionário. Dicionário de qualquer língua, até com algumas folhas soltas; mas um Dicionário.

Não sei se muita gente haverá reparado nisso — mas o Dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O Dicionário tem dentro de si o Universo completo. Logo que uma noção humana toma forma de palavra — que é o que dá existência às noções — vai habitar o Dicionário. As noções velhas vão ficando, com seus sestros de gente antiga, suas rugas, seus vestidos fora de moda; as noções novas vão chegando, com suas petulâncias, seus arrebiques, às vezes, sua rusticidade, sua grosseria. E tudo se vai arrumando direitinho, não pela ordem de chegada, como os candidatos a lugares nos ônibus, mas pela ordem alfabética, como nas listas de pessoas importantes, quando não se quer magoar ninguém...

O Dicionário é o mais democrático dos livros. Muito recomendável, portanto, na atualidade. Ali, o que governa é a disciplina das letras. Barão vem antes de conde, conde antes de duque, duque antes de rei. Sem falar que antes do rei também está o presidente. O Dicionário responde a todas as curiosidades, e tem caminhos para todas as filosofias. Vemos as famílias de palavras, longas, acomodadas na sua semelhança, — e de repente os vizinhos tão diversos! Nem sempre elegantes, nem sempre decentes, — mas obedecendo à lei das letras, cabalística como a dos números...

O Dicionário explica a alma dos vocábulos: a sua hereditariedade e as suas mutações. E as surpresas de palavras que nunca se tinham visto nem ouvido! Raridades, horrores, maravilhas... Tudo isto num dicionário barato — porque os outros têm exemplos, frases que se podem decorar, para empregar nos artigos ou nas conversas eruditas, e assombrar os ouvintes e os leitores...

A minha pena é que não ensinem as crianças a amar o Dicionário. Ele contém todos os gêneros literários, pois cada palavra tem seu halo e seu destino — umas vão para aventuras, outras para viagens, outras para novelas, outras para poesia, umas para a história, outras para o teatro. E como o bom uso das palavras e o bom uso do pensamento são uma coisa só e a mesma coisa, conhecer o sentido de cada uma é conduzir-se entre claridades, é construir mundos tendo como laboratório o Dicionário, onde jazem, catalogados, todos os necessários elementos.

Eu levaria o Dicionário para a ilha deserta. O tempo passaria docemente, enquanto eu passeasse por entre nomes conhecidos e desconhecidos, nomes, sementes e pensamentos e sementes das flores de retórica. Poderia louvar melhor os amigos, e melhor perdoar os inimigos, porque o mecanismo da minha linguagem estaria mais ajustado nas suas molas complicadíssimas. E, sobretudo, sabendo que germes pode conter uma palavra, cultivaria o silêncio, privilégio dos deuses, e ventura suprema dos homens.

(Cecília Meireles. Texto disponível em:
http://www.releituras.com/cmeireles_olivro.asp. Acesso em 25/11/2010. Adaptado.)

09. O Texto 3, desde que se pretenda apreender sua coerência global, precisa ser entendido como:

- 0-0) uma notícia: um gênero centrado na narração sequenciada de um fato a partir de seus elementos contextuais.
- 1-1) uma crônica: um gênero voltado para temas da vida cotidiana, desenvolvidos, quase sempre, em linguagem mais próxima do coloquial.
- 2-2) um artigo de opinião: um gênero, quase sempre teoricamente fundamentado, elaborado com finalidades expositivas e persuasivas.
- 3-3) uma exposição: um gênero de natureza didática, desenvolvido à volta de um tema ou de um princípio teórico.
- 4-4) um relato pessoal: um gênero, quase sempre, formulado em primeira pessoa, voltado, portanto para considerações subjetivas.

Resposta: FVFFV

Justificativa:

- 0-0) Falsa. O texto em análise não apresenta um desenvolvimento coerente com os esquemas narrativos.
- 1-1) Verdadeira. O texto 3 exibe as características de uma crônica. Basta perceber a natureza do tema tratado e a formulação linguística com que isso é feito.
- 2-2) Falsa. Não se podem perceber no texto sinais de que estamos diante do gênero 'artigo de opinião'. Não há uma questão a partir da qual se fundamente uma opinião.
- 3-3) Falsa. O texto, claramente, foge às características de um gênero de natureza didática.
- 4-4) Verdadeira. São claros no texto os sinais de que se trata de um relato pessoal, particular e subjetivo. O uso reiterado do pronome de 1ª. pessoa é um desses sinais.

10. Conforme a autora do Texto 3, o Dicionário de uma língua é imensamente significativo, pois:

- 0-0) habitam no Dicionário velhas e novas visões de mundo: palavras, rastros de gente antiga e arrebiques de gente jovem.
- 1-1) nele, como em nenhum outro livro, predomina uma organização democrática, distante da tradicional hierarquia de títulos e rótulos.
- 2-2) comporta o que as palavras têm de mais próprio: sua origem, sua hereditariedade, e as mutações sofridas.
- 3-3) tem sido objeto de ensino escolar, despertando nas crianças o gosto por descobrirem as especificidades de uso de cada palavra.
- 4-4) possibilita a leitura de um grande material, por vezes, compilado em mais de um volume, que até podem expressar 'vida e sonho'.

Resposta: VVVFV

Justificativa

- 0-0) Correta. Essa justificativa corresponde, quase

literalmente, ao que consta no texto.

- 1-1) Correta. Igualmente, a referência ao caráter democrático do Dicionário é clara no texto.
- 2-2) Correta. O texto evoca o fato de o Dicionário possibilitar o conhecimento da origem das palavras e das mutações por que elas passaram.
- 3-3) Incorreta. Pelo contrário, a autora lamenta que o Dicionário não seja proposto “ao amor” das crianças.
- 4-4) Correta. De fato, o texto fala na correspondência entre o bom uso das palavras e o bom uso do pensamento.

11. Como estratégia de desenvolvimento de seu texto, a autora optou por:

- 0-0) sequências textuais menos convencionais, uma vez que, constantemente, salta de um tema para outro.
- 1-1) um início em que o objeto de seu comentário é apenas sugerido, na suposição de que isso aguçaria o interesse do leitor.
- 2-2) basear a validade de suas afirmações em referências a obras de autores famosos da literatura clássica.
- 3-3) uma linguagem metafórica, bem cheia de imagens e alegorias criadas de propósito, como no quarto parágrafo.
- 4-4) uma formulação contundente, objetiva e imparcial, como no parágrafo de fechamento do texto.

Resposta: FVVFV

Justificativa

- 0-0) Incorreta. Não há no texto saltos de um tema a outro. A continuidade temática é mantida ao longo do texto.
- 1-1) Correta. De fato, o ‘tema’ do texto somente é explicitado somente no 3º. parágrafo.
- 2-2) Incorreta. O autor cita autores e obras, mas não os elege como referências para suas reflexões.
- 3-3) Correta. O texto inteiro é farto em metáforas. (Ver, sobretudo, o quarto parágrafo).
- 4-4) Incorreta. A formulação do texto não é contundente, nem objetiva nem imparcial.

12. Os usos formais da língua prestigiam o cumprimento das regras da concordância verbal e nominal. Analise os enunciados seguintes e identifique aqueles que seriam adequados a um contexto comunicativo público e formal.

- 0-0) O bom uso das palavras, inclusive daquelas mais corriqueiras, costumam ser valorizadas em todos os contextos sociais.
- 1-1) Não sei se muitas escolas haverão reparado nisto: o Dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros.

- 2-2) Todas as curiosidades podem ser respondida pelos Dicionários, que tem caminhos que levam às filosofias mais complexas possível.
- 3-3) Uma noção humana, logo que ela toma a forma de palavra — que é o que dá existência às noções — vão estar habitar o Dicionário.
- 4-4) A minha pena é que faltem oportunidades de as crianças entrarem em relação de amor com os Dicionários. Eles contêm todos os gêneros literários.

Resposta: FVFFV

Justificativa

- 0-0) Incorreta. O núcleo do verbo ‘costumar’ é o termo ‘uso’.
- 1-1) Correta. O verbo ‘haver’, neste caso, é auxiliar do verbo principal, ‘reparar’.
- 2-2) Incorreto. Há falhas na concordância nominal (‘curiosidades respondida’) e na concordância verbal (‘Dicionários tem’).
- 3-3) Incorreto. O núcleo do sujeito referente ao predicado ‘ir estar’ está no singular.
- 4-4) Correto. Todas as normas de concordância são respeitadas neste enunciado.

13. Em um texto, a seleção dos modos e tempos verbais tem estreita dependência dos sentidos que o autor pretende alcançar. No Texto 3, por exemplo:

- 0-0) na pergunta: “*Que livro escolheria para levar consigo, se tivesse de partir para uma ilha deserta...?*”, os modos indicativo e subjuntivo se harmonizam para expressar uma situação hipotética.
- 1-1) no trecho: “*Mas uma ilha deserta nem sempre é um exílio... Pode ser um passatempo...*”, o verbo modal em destaque expressa possibilidade.
- 2-2) no trecho: “*e, se Deus me concedesse a mercê de morar numa ilha deserta (...) o que levava comigo era um Dicionário.*”, a opção de empregar o imperfeito em vez do futuro do pretérito do modo indicativo confere coloquialidade ao texto.
- 3-3) ao selecionar o verbo ‘haver’ para integrar a forma composta de futuro no trecho: “*Não sei se muita gente haverá reparado nisso*”, a autora atribui mais formalidade ao texto.
- 4-4) no trecho: “*Ali, o que governa é a disciplina das letras. Barão vem antes de conde (...)*”, a seleção de um verbo de movimento para significar algo estático acentua o valor conotativo pretendido pela autora.

Respostas: VVVVV

Justificativa:

- 0-0) VERDADEIRA, pois, na pergunta feita, os modos indicativo e subjuntivo se harmonizam para expressar uma situação hipotética.
- 1-1) VERDADEIRA, pois, no trecho dado, o verbo modal ‘poder’ expressa possibilidade.
- 2-2) VERDADEIRA, já que, no trecho dado, a

opção de empregar o imperfeito em vez do futuro do pretérito do modo indicativo confere coloquialidade ao texto.

- 3-3) VERDADEIRA, porque, ao selecionar o verbo 'haver' para integrar a forma composta de futuro no trecho dado, a autora atribui mais formalidade ao texto.
- 4-4) VERDADEIRA, pois, de fato, no trecho dado, a seleção do verbo de movimento 'vem' para significar algo estático acentua o valor conotativo que a autora pretendeu dar ao texto.

14. Como se sabe, os sinais de pontuação são, também, recursos estilísticos. No Texto 3, alguns empregos desses sinais conseguem alcançar efeitos bem particulares, como se expõe a seguir.

- 0-0) No trecho: "*Mas uma ilha deserta nem sempre é um exílio... Pode ser um passatempo...*", as reticências indicam que a autora não completou seu pensamento, de modo que o segmento torna-se ambíguo.
- 1-1) No trecho: "*Se são uma boa mescla de vida e sonho, pensam em toda a produção de Goethe, de Dostoievski, de Ibsen. Ou na Bíblia. Ou nas 'Mil e uma noites'.*", o emprego dos pontos para isolar os itens destacados confere ênfase a esses itens.
- 2-2) No trecho: "*Pois eu creio que todos esses livros, embora esplêndidos, acabariam fatigando*", as vírgulas cumprem a função de isolar um comentário, de valor concessivo.
- 3-3) No trecho: "*Logo que uma noção humana toma forma de palavra — que é o que dá existência às noções — vai habitar o Dicionário.*", a opção de colocar um segmento inserido entre travessões tem a função de ressaltar esse segmento.
- 4-4) No trecho: "*O Dicionário explica a alma dos vocábulos: a sua hereditariedade e as suas mutações.*", os dois pontos foram utilizados para introduzir uma especificação.

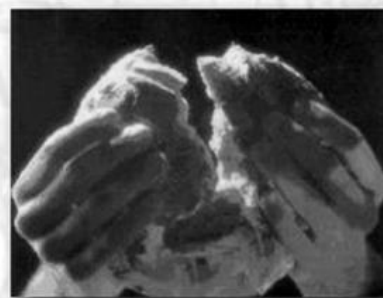
Respostas: FVVVV

Justificativa:

- 0-0) FALSA, porque as reticências do trecho dado não tornam o segmento ambíguo.
- 1-1) VERDADEIRA, pois, de fato, o emprego dos pontos para isolar os itens destacados no trecho confere ênfase a esses itens.
- 2-2) VERDADEIRA, pois as vírgulas, no trecho dado, cumprem a função de isolar um comentário, de valor concessivo.
- 3-3) VERDADEIRA, pois a opção de colocar um segmento inserido entre travessões, no trecho, tem a função de ressaltar esse segmento.
- 4-4) VERDADEIRA, pois os dois pontos, realmente, introduzem uma especificação.

TEXTO 4

Se não pode fazer o milagre da multiplicação dos pães, faça o da divisão.



Dias 28 e 29 de Novembro vamos ajudar nesta grande campanha social - TODOS



(Texto disponível em: www.grupo78noticias.blogspot.com. Acesso em 29/11/2010.)

15. A análise global do Texto 4, em sua função comunicativa, nos permite afirmar que:

- 0-0) nele, predomina a intenção de persuadir os possíveis leitores e ganhar sua adesão quanto ao teor da mensagem.
- 1-1) os elementos presentes, tanto os verbais quanto os não verbais, levam o leitor a reconhecê-lo como um anúncio.
- 2-2) estão ausentes do texto pistas que indicam o interesse do emissor por se incluir entre os destinatários da mensagem.
- 3-3) o texto faz referência intertextual explícita a um texto bastante conhecido da esfera religiosa.
- 4-4) o referente para a expressão "*nesta grande campanha*" não está explícito no texto. O leitor deverá identificá-lo pela totalidade da mensagem veiculada.

Respostas: VVFVV

Justificativa:

0-0) VERDADEIRA, pois, realmente, predomina no texto a intenção de persuadir os possíveis leitores e ganhar sua adesão quanto ao teor da mensagem.

1-1) VERDADEIRA, pois os elementos presentes, tanto os verbais quanto os não verbais, levam o leitor a reconhecê-lo como um anúncio (campanha publicitária).

2-2) FALSA, pois há pistas no texto que indicam o interesse do emissor por se incluir entre os destinatários da mensagem, como o emprego da primeira pessoa do plural ("vamos ajudar").

3-3) VERDADEIRA, pois o texto faz referência intertextual explícita à passagem bíblica do milagre da multiplicação dos pães.

4-4) VERDADEIRA, pois, de fato, o referente para a

expressão “*nesta grande campanha*” não está explícito no texto, e o leitor deverá identificá-lo pela totalidade da mensagem veiculada.

16. Acerca de elementos linguísticos do Texto 4, analise as proposições abaixo.

- 0-0) A elipse que se verifica em “*faça o da divisão*” é um recurso coesivo que, mesmo não presente à superfície do texto, contribui para a sua coerência.
- 1-1) O modo verbal imperativo selecionado pelo autor é um recurso adicional para reforçar o apelo feito no texto.
- 2-2) “Multiplicação” e “divisão” são conceitos matemáticos, e, por isso, inadequados para os sentidos pretendidos pelo autor.
- 3-3) O paralelismo sintático do texto se evidencia, também, pelo fato de o sujeito dos dois segmentos ser o mesmo (“você”).
- 4-4) O artigo definido colocado em “o *milagre*” reforça o caráter intertextual do texto.

Respostas: VVFVV

Justificativa:

- 0-0) VERDADEIRA, pois a elipse verificada no trecho é um recurso coesivo que, mesmo não presente à superfície do texto, contribui para a sua coerência.
- 1-1) VERDADEIRA, pois o emprego do modo verbal imperativo é um recurso adicional para reforçar o apelo feito no texto.
- 2-2) FALSA, pois embora “multiplicação” e “divisão” sejam conceitos matemáticos, são adequados para os sentidos pretendidos pelo autor.
- 3-3) VERDADEIRA, pois o paralelismo sintático do texto se evidencia, também, pelo fato de o sujeito dos dois segmentos ser o mesmo (“você”).
- 4-4) VERDADEIRA, pois o artigo definido realmente reforça o caráter intertextual do texto.